

Racismo n’A carne: uma análise concisa das representações dos personagens negros no romance de Júlio Ribeiro

MARLZONNI MARRELLI MATOS MAURICIO*

Resumo: Este artigo pretende analisar de maneira concisa, mas colaborativa, as representações dos personagens negros no romance naturalista *A carne*, de Júlio Ribeiro. Primeiramente, para tal finalidade, considera-se a influência do darwinismo no pensamento de Júlio Ribeiro, assim como de sua vertente racial, isto é, o darwinismo social. Em seguida, procura-se apresentar e ponderar as apropriações das teses do darwinismo social nas formas como os personagens negros são pensados e representados, considerando-se sempre como o foco narrativo é construído. A proposta basilar deste artigo é *hipotetizar* acerca dos porquês de Júlio Ribeiro aderir à vertente racial poligenista da teoria darwinista e incorrer, conseqüentemente, em práticas racistas ao pensar e representar seus personagens negros.

Palavras-chave: Teorias raciais; Século XIX; Literatura brasileira.

Racism in “A carne”: a concise analysis of the representations of “black characters” in the novel by Júlio Ribeiro

Abstract: This article intends to analyze concisely, but collaboratively, the representations of “black characters” in the naturalistic novel *A carne* by Júlio Ribeiro. Firstly, for this purpose, the influence of darwinism on Júlio Ribeiro's thinking is considered, as well as its racial aspect, that is, social darwinism. Then, it seeks to present and ponder the appropriations of the theses of social darwinism in the ways in which “black characters” are thought and represented, always considering how the “narrative focus” is constructed. The basic proposal of this article is to *hypothesize* about the reasons why Júlio Ribeiro adheres to the polygenist racial strand of darwinian theory and consequently incurs in racist practices when thinking and representing his “black characters”.

Key words: Racial theories; 19th century; Brazilian literature.



* **MARLZONNI MARRELLI MATOS MAURICIO** é Mestre em História pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA/Campus de São Luís.

Considerações iniciais

Sem fazer do prefácio deste trabalho um texto fastidioso, abstando-se de *mais do mesmo*, ao considerar que são de saber comum as principais características do Naturalismo literário (como a objetividade, a impessoalidade, o cientificismo, o evolucionismo, o determinismo etc.), apresenta-se aqui unicamente a teoria que mais influenciou o pensamento de Júlio Ribeiro, para à frente tratar de racismo n' *A carne*, com a análise das representações dos personagens negros.

Dentre as teorias que chegavam ao Brasil, em sua maioria da Europa, a partir da década de 1870, a que mais influenciou Júlio Ribeiro foi a darwinista, que submetia o ser humano aos seus condicionamentos animais. Essa teoria é presente e propositalmente evidente no romance, tendo-se, por exemplo, a seguinte passagem, em que Lenita, ao observar a escultura helenística de Agasias, conhecida como *Gladiador de Borghese*, vê-se invadida por um desejo desmedido e, até então, desconhecido:

Em um momento, por uma como intuscepção súbita, aprendera mais sobre si própria do que em todos os seus longos estudos de fisiologia. Conhecerá que ela, a mulher superior, apesar de sua poderosa mentalidade, com toda a sua ciência, não passava na espécie de uma simples fêmea, e que o que sentia era o desejo, era a necessidade orgânica do macho (RIBEIRO, 1896, p. 28).¹

¹ A ortografia das fontes se encontra atualizada neste trabalho, mas a gramática permanece a mesma.

² Embora esquecido no decorrer do século XX, Nina Rodrigues foi um dos teóricos raciais mais prestigiados de sua época (SKIDMORE, 1976). Decerto, algumas de suas teses suscitaram discordâncias, sobretudo no que concerne à mestiçagem como sinônimo de decadência racial e social, em um momento que, no Brasil, buscava-se

A teoria darwinista era constituída de duas vertentes antagônicas, mas ambas baseadas no trabalho seminal *A origem das espécies*, de Charles Darwin. A primeira, dominante até meados do século XIX, é a monogenista. De acordo com as escrituras bíblicas, defendia-se que a humanidade era única na sua origem, sendo as diferenças somente um produto de menor ou maior perfeição do Jardim do Éden. Em contrapartida, a segunda é a poligenista. Das releituras de Hipócrates, defendia-se que a humanidade estava dividida em diferentes raças, configurando-se espécies diversas, não redutíveis, seja pela adaptação ou pelo cruzamento, a uma única origem (SCHWARCZ, 1993).

No Brasil, sobretudo na transição dos séculos XIX e XX, a vertente poligenista foi a que predominou entre os intelectuais. Estudos como o do médico Manoel Bonfim, que negavam a existência de hierarquias raciais, tomando as diferenças apenas em termos de desenvolvimento material, determinado pela necessidade do meio, foram desvios à norma da época, haja vista a popularidade sucessiva dos estudos do médico Nina Rodrigues. Como efeito, sob a vertente poligenista, a teoria darwinista se concretizava pelos estudos biológicos e antropológicos dos comportamentos humanos, entendidos enquanto resultados intrínsecos a leis biológicas e naturais (SCHWARCZ, 1993).²

O mais pertinente disso tudo é que a teoria darwinista passou a submeter o ser

o embranquecimento da população. Contudo, elas exerceram uma considerável influência sobre o pensamento racial brasileiro; por exemplo, nas críticas ao Código Penal levantadas pelos médicos baianos, questionando o jusnaturalismo e a igualdade entre as raças enunciada pela letra da lei (SCHWARCZ, 1993). A inferioridade inata da raça negra era, pois, um pressuposto entre os intelectuais.

humano a condicionamentos raciais, ademais dos condicionamentos animais, assumindo sua forma mais austera com o darwinismo social, no qual se presumia que as raças superiores haviam predominado no decurso do processo histórico-evolutivo da humanidade, fazendo com que as raças inferiores parecessem predestinadas a morrer e desaparecer (SKIDMORE, 1976).

O darwinismo social era rigorosamente racista, aplicando o modelo evolucionista às sociedades humanas para preconizar a existência de raças puras e compreender a mestiçagem como sinônimo de decadência racial e social, visto que, em antítese ao conhecimento humanista da vertente monogenista, reiterava-se a realidade das raças, estabelecendo que existiria entre os seres humanos a mesma distância encontrada entre o cavalo e o asno. Além de que o estado de pureza da raça interferia diretamente nos valores da sociedade, determinando uma continuidade entre as propriedades biológicas e morais (SCHWARCZ, 1993).

As teses que conformam o darwinismo social são bastante difusas, mas algumas podem ser resumidas nos seguintes pontos em comum:

O conjunto da natureza orgânica seria regulado por leis biológicas; a natureza humana estaria incluída nos esquemas evolutivos observados entre as espécies animais, participando deles não apenas no que se refere às suas [características] físicas, mas também no que diz respeito à sua vida em sociedade e às suas características psicológicas; a pressão do aumento populacional em relação aos recursos disponíveis criaria uma competição entre os organismos pela satisfação de suas necessidades vitais; haveria uma desigualdade fundamental entre as coletividades humanas, [conforme] um determinismo biológico que

estabeleceria hierarquias naturais representadas por aptidões físicas e psíquicas desiguais, distintos modos de comportamento e condições específicas de perfectibilidade; no contexto da desigualdade e da competição, determinados traços criariam vantagens, e determinariam a sobrevivência dos mais aptos; estes traços de superioridade seriam transmitidos por herança genética à descendência, reproduzindo as desigualdades; a evolução do mundo natural e da sociedade [se daria] de acordo com processos seletivos através dos quais [só] os indivíduos e grupos tidos como superiores sobreviveriam (MURARI, 2009, p. 130).

Embora sem constituir em si uma teoria coerente, o darwinismo social pode ser reputado como a teoria que representou intimamente o pensamento racista do século XIX, formando um conjunto de teses baseadas em supostas leis biológicas e naturais, que serviam para explicar os aspectos mais distintos da vida humana. Produzindo-se, para tanto, uma linguagem própria, mas *científica*, passível de ser empregada à realidade, bem como a ser identificada nos mais variados registros da época, como a literatura, a pintura, a imprensa etc.

Racismo n'A carne

O romance naturalista *A carne* foi publicado em 1888 e ocasionou enorme desconforto à conservadora sociedade paulista, porquanto coloca em debate temas até então considerados tabus, como o casamento, o divórcio e a sexualidade, através do relacionamento amoroso entre os personagens de Lenita, uma jovem solteira, e Manuel Barbosa, um homem de meia-idade divorciado. Além disso, o romance ainda subverte os papéis de gênero desses dois personagens, numa clara contraposição à estética romântica.

Após a morte do pai, o doutor Lopes Matoso, Lenita passa a morar temporariamente na fazenda de coronel Barbosa, um velho tutor de seu pai, no interior de São Paulo. É nessa fazenda que ela conhece e se relaciona com Manuel Barbosa, e que, para um fatídico desfecho, o enredo se desenvolve. O mais pertinente, todavia, é que nessa fazenda se encontram representados os personagens negros.

Os escritores naturalistas procuraram denunciar os prejuízos da escravidão para o desenvolvimento do país. Os romances naturalistas, assim sendo, trazem em seus enredos muitas passagens que denunciam, seja nas fazendas ou nas cidades, o sofrimento vivido pelos escravizados. Decerto, isso é uma crítica à condição do país em termos de progresso social, em comparação ao modelo europeu de sociedade, para mais do respectivo progresso econômico.

Por efeito das teorias raciais, no entanto, os escritores naturalistas não se furtaram dos condicionamentos raciais para representar seus personagens negros, incorrendo comumente em práticas racistas. Isso, pois, sob o olhar poligenista, essas teorias concebiam o negro, o africano, via de regra, como um ser nos limites da humanidade. Desse modo, coube à literatura naturalizar as mais profundas contradições, as mais enraizadas hierarquias sociais, a partir de respostas que a ciência prontamente oferecia.

Em vista disso, é possível tratar, a partir daqui, de racismo n' *A carne*, com a análise das representações dos personagens negros, considerando-se a presença do darwinismo social tanto nessas representações como, consequentemente, no pensamento de Júlio Ribeiro.³

Nada obstante, apenas para exemplificar novamente como a teoria darwinista é presente, e evidente de maneira proposital, n' *A carne*, tem-se a seguinte fala de Manuel Barbosa a Lenita, a respeito de casamento, amor e divórcio:

O amor é filho da necessidade tirânica, fatal, que tem todo o organismo de se reproduzir, de pagar a *dívida do antepassado*, segundo a fórmula bramânica. A palavra *amor* é um eufemismo para abrandar um pouco a verdade ferina da palavra *cio*. Fisiologicamente, verdadeiramente, *amor* e *cio* vêm a ser uma coisa só. O início primordial do amor está, como dizem os biólogos, na afinidade eletiva de duas células diferentes (RIBEIRO, 1896, p. 320, grifos do autor).

O condicionamento animal se sobressai na fala de Manuel Barbosa, ela é pouco afeita a devaneios. Júlio Ribeiro estabelece, assim, o relacionamento amoroso entre os dois personagens do ponto de vista puramente animal, da necessidade de se entregar antes aos instintos da carne. Portanto, não ficam dúvidas da influência da teoria darwinista no romance e em Júlio Ribeiro.

Mas a teoria darwinista assume, ainda, a sua forma mais austera no romance. Retomando a passagem em que Lenita se vê invadida pela *necessidade orgânica do macho*, em continuação, tem-se uma representação abusivamente comum da mulher negra:

Invadiu-a um desalento imenso, um nojo invencível de si própria.

Robustecer o intelecto desde o desabrochar da razão, perscrutar com paciência, aturadamente, de dia, de noite, a todas as horas, quase todos os departamentos do saber humano, habituar o cérebro a demorar-se sem

³ O conceito de representação parte da teoria desenvolvida por Roger Chartier (1990).

fadiga na análise sutil dos mais abstrusos problemas da matemática transcendental, e cair de repente, como os arcanjos de Milton, do alto do céu no lodo da terra, sentir-se ferida pelo agulhão da CARNE, espolinhar-se nas concupiscências do cio, como uma negra boçal, como uma cabra, como um animal qualquer... era a suprema humilhação (RIBEIRO, 1896, p. 28-29).⁴

Enquanto Lenita passa a descobrir a sua sexualidade por meio de seus condicionamentos animais, na mulher negra isso é uma condição racial, a sua sexualidade lhe é determinada como a qualquer outro animal. Por conseguinte, há uma diferença racial entre a sexualidade da mulher branca e da mulher negra, que não a descobre, pois já é uma característica inerente à sua raça.

Associar a sexualidade da mulher negra a animais como a cabra, a vaca etc. não é apenas a conceber como um ser no limiar da humanidade, em posição de inferioridade, como é também a naturalizar como um ser *hiperssexualizado* e dissoluto, a ponto de sujeitá-la às mais diversas formas de violência real e simbólica.⁵

Da colônia ao século XIX, as mulheres negras eram submetidas a todas as formas de maus-tratos. Os gestos mais diretos e a linguagem mais depreciativa eram destinados a elas, fossem escravizadas ou forras. As insinuações e os convites sexuais eram feitos predominantemente às mulheres negras (e mulatas também). Em

⁴ Tem-se outros exemplos, como a passagem em que Lenita se vê arrependida por ter cedido aos instintos da carne: “quisera voar de surto, remontar-se às nuvens, mas a CARNE a prendera à terra, e ela tombara, submetera-se [...] tombara como a negra boçal do capão, submetera-se como a vaca mansa da campina. Revoltada contra a metafísica social, pusera-se fora da lei da sociedade, e a consciência castigava-a, dando-lhe testemunho de quanto ela descera abaixo do nível

uma sociedade racista como a brasileira, afinal, elas eram consideradas como *fáceis*, alvos oportunos para investidas sexuais, com quem se podia ir direto ao assunto sem causar problemas ou vergonhas (DEL PRIORE, 2013).

Júlio Ribeiro, embora pretendendo mostrar que as mulheres tinham desejos sexuais bem como os homens, termina por reafirmar práticas racistas. Contudo, essas práticas não se limitam n’A carne somente à forma com que a mulher negra é representada. Na passagem a seguir, em que um escravizado reclama à Lenita da *pega*, um peso de ferro com o qual se puniam fugitivos, presa ao seu tornozelo, que muito o machucava, vê-se um outro exemplo:

— Sinhá, olhe como está esta perna; está toda ferida. Ferro pesa muito, fale com sinhô para tirar.

E mostrava o tornozelo ulcerado pela pega, fétido, envolto em trapos muito sujos.

— Mas, que fez você para estar sofrendo isto?

— Pecado, sinhá, fugi.

— Era maltratado, estava com medo de apanhar?

— Nada, sinhá: negro é mesmo bicho ruim, às vezes perde a cabeça.

— Se você me promete não fugir mais, eu vou pedir ao coronel que mande tirar o ferro.

comum da mesma sociedade” (RIBEIRO, 1896, p. 382-383).

⁵ A *hiperssexualização* remonta à lógica escravocrata estruturada no período colonial, que reduzia homens e mulheres negras aos seus corpos e, ademais, à condição de propriedade, seja como mão de obra ou objeto desfrutável; e de maneira latente, como poder simbólico, ela pode ser exercida com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que a exercem (BOURDIEU, 1989).

— Promete, sinhá, negro promete, palavra de Deus! (RIBEIRO, 1896, p. 62).

Passagens tal como esta eram recorrentes à apologia da causa abolicionista. Evocava-se sempre que possível a sensibilidade dos leitores para os maus-tratos vividos pelos escravizados. Em alguns casos, eram até reconhecidas *algumas* de suas qualidades, entretanto, sem nunca se esquecer da inferioridade inata de sua raça. Júlio Ribeiro, mesmo com propósitos abolicionistas, por meio do foco narrativo que constrói n’*A Carne*, faz com que o escravizado se perceba como *bicho ruim*, que *perde a cabeça*. Isso corresponde ao que as teorias raciais declaravam, em sua maioria, como o comportamento — próprio da natureza — do negro: incivilizado.

Aparentemente, pode até parecer uma análise severa, mas não é, e o porquê se elucida em uma outra passagem; na qual o *preto velho* Joaquim Cambinda, um *mestre feiticeiro*, é chamado pelo coronel Barbosa a prestar esclarecimentos acerca da morte de Maria Bugra:

Operou-se uma revolução medonha em Joaquim Cambinda. Atirou ele para longe de si a coberta esfarrapada, endireitou o busto derreado, ergueu a cabeça, cerrou os punhos, e encarou o coronel. Cintilavam-lhe os olhos, os beijos arregaçados deixavam ver os dentes.

— Ah! você quer saber, eu digo: fui eu mesmo que matei Maria Bugra.

— E porque a matou você?

— Porque ela comia o meu dinheiro, e me enganava com a crioulada nova.

— E os outros, o Carlos, a Maria Baiana, o Chico Carreiro, Antonio Mulato?

— Fui eu mesmo que matei a todos.

— E porque?

— Maria Baiana pelo mesmo motivo que me fez matar Maria Bugra. Os outros para fazer mal a sinhô.

— Para me fazer mal? Porque? Pois você não é o mesmo que forro? Exijo eu algum serviço de você? Não lhe dou moradia, roupa, comida? Porque me quer mal?

— Já que principiei a falar irei até o fim. Sinhô é bom para mim, é verdade, mas sinhô é branco, e obrigação de preto é fazer mal a branco sempre que pode (RIBEIRO, 1896, p. 261-262).

Essa passagem é uma das mais instigantes do romance, e se desdobra por várias páginas. Em similaridade da anterior, Júlio Ribeiro faz com que o personagem de Joaquim Cambinda se apresente como um incivilizado, como *preto* que tem por natureza fazer mal ao *branco*. Mesmo que, porventura, seja indiferente àquilo que Júlio Ribeiro acreditava, essa passagem condiz com as teses presumidas pelo darwinismo social: da *imperfectibilidade* da raça negra, decorria toda sua incapacidade de assimilar os valores civilizatórios (MURARI, 2009). Dentre as teses presumidas, sobressaía-se, ainda, que os negros eram o elemento degenerativo de raça inferior, vistos como viciados e amorais, inábeis ao trabalho livre, *delinquentes* em potencial e, portanto, *inimigos* da civilização (AZEVEDO, 1987).⁶

Júlio Ribeiro faz, ainda, de Joaquim Cambinda um tipo oportuno para sobrepor os saberes práticos da ciência às práticas e sentidos da crença. Isso, pois, significa que esse personagem representa — de modo estereotipado — a espiritualidade

⁶ Em adendo, da continuidade das propriedades biológicas e morais, cada raça possuiria diferentes capacidades de desenvolvimento social e cultural,

invariavelmente a fatores externos, não-biológicos. Assim, a civilização seria uma característica inerente apenas à raça branca (MURARI, 2009).

africana, dada a superstições das *mandingas*, das *coisas-feitas*. Do *discurso competente* de Manuel Barbosa, Júlio Ribeiro dessacraliza os ritos e os efeitos mágicos do uso da figueira-do-inferno, uma planta exótica e fatalmente tóxica:

— Cientificamente a figueira do inferno chama-se *datura stramonium*; extrai-se dela um alcaloide venenosíssimo, a que se chama *daturina*: Ladenburg, porém, e Schmidt verificaram nestes últimos tempos, que a *daturina* é pura e simplesmente a atropina, a *mesma* letal atropina que se obtém da beladona (RIBEIRO, 1896, p. 254, grifos do autor).

Coronel Barbosa havia perdido cinco escravizados, todos mortos por *moléstia esquisita*, que apresentava sempre os mesmos sintomas, passando a acreditar que essas mortes resultavam, portanto, ou de *coisa-feita* ou de alguma enfermidade misteriosa, mas Manuel Barbosa, *homem ilustrado* que era, profundo conhecedor da ciência, elucida prontamente ao seu pai:

— Que Maria Bugra morre envenenada por uma decocção fortíssima de sementes de *datura*, e, conseqüentemente, por atropina.

— E tem suspeita de quem tenha sido o propinador do veneno?

— Não tenho suspeita, tenho certeza.

— Quem pensa que foi?

— Joaquim Cambinda.

A esta acusação precisa, formal, convicta, o coronel baixou a cabeça. Pensava. Barbosa tinha razão (RIBEIRO, 1896, p. 255).

⁷ Para o médico Nina Rodrigues, um dos principais nomes do darwinismo social, estudioso do *fenômeno das raças*, no processo de conversão da raça negra às religiões monogenistas, complexas, como o catolicismo ou o islamismo: “não são as almas e os espíritos que se elevam à compreensão das religiões superiores. Estas é que têm de descer até o sentimento religioso de alcance muito

A dessacralização dos ritos e dos efeitos mágicos do uso da figueira-do-inferno, que tem a sua nomenclatura assinalada, evidencia o cientificismo do romance. No Naturalismo literário, tudo é citação e, logo, prova de erudição. A ciência — que informa e condiciona os enredos — permanece presente *na boca* dos personagens, nas falas dos protagonistas (SCHWARCZ, 1993). Porém, ela também reafirma o racismo de Júlio Ribeiro. Da necessidade de desacreditar os sentidos da crença, ele termina marginalizando a espiritualidade africana, que, na diversidade de suas formas religiosas, tem a prática de sacralizar o conhecimento, assim como de apresentar ritos que compreendem desde o transe à possessão. E isso tem aqui importância para se entenderem as representações dos personagens negros e o pensamento de Júlio Ribeiro ante o darwinismo social, porque a raça negra, incivilizada — e *incivilizável* — por natureza, era considerada inábil a produzir pensamentos complexos e, tampouco, transcendentais à sua condição primitiva, dada a cosmovisão de animismo fetichista. Desse modo, práticas, sentidos, ritos etc. eram encarados como produtos de intelecto fraco e, em certos casos, como patologias inerentes à raça negra.⁷

Pode até parecer outra análise severa, contudo, não é; principalmente se se observar que Joaquim Cambinda não é um personagem acidental. Ele foi construído e muito bem alocado no romance para culminar nas passagens citadas, e a sua morte penosa pelas mãos dos escravizados da fazenda, pouco após confessar

reduzido, das raças inferiores” (1935b, p. 96). Ainda, para ele: “o fraco desenvolvimento intelectual do negro primitivo, auxiliado pelas práticas exaurientes das superstições religiosas, como fator do estado de possessão do santo equivale, pois, à histeria” (1935a, p. 139). Suscetível, assim, à alienação.

publicamente os assassinatos, representa tanto a superioridade da ciência, o primado de seu conhecimento sobre as demais formas inferiores, sobretudo vindas de um preto *horroroso* e *supersticioso*, quanto ainda a barbárie inata da raça negra, que ao invés de entregá-lo à justiça para ser julgado conforme as leis, lincha-o de maneira *atroz*.

A morte de Joaquim Cambinda permite, aliás, sublinhar como a situação do negro era substancialmente imprecisa na legislação. Isso, pois, à medida que, na cível, ele era uma mercadoria submetida às relações de alienação idênticas a qualquer coisa que possa ser de propriedade de alguém; na penal, ele era considerado como *pessoa* se fosse agente de crime ou como *coisa* se fosse vítima (CASTRO, 2007). Essa imprecisão facultava as mais variadas interpretações e favorecia o acometimento de crimes contra o negro, fosse ele escravizado, alforriado ou nascido livre, uma vez que, logo, passariam impunes.⁸

Júlio Ribeiro incorre em outras práticas racistas, considerando-se como o foco narrativo é construído n'*A carne*, e muitas das vezes elas passam até despercebidas, como na seguinte passagem, em que os escravizados da fazenda se unem, ao som de instrumentos *grosseiros*, como atabaques e adufes:

Negros e negras, formados em vasto círculo, agitavam-se, palmeavam, compassadamente, rufavam adufes aqui e ali. Um figurante, no meio, saltava, volteava, baixava-se, erguia-se, retorcia os braços, contorcia o pescoço, rebolia os quadris, sapateava em um frenesi indescritível, com uma

tal prodigalidade de movimentos, com um tal desperdício de ação nervosa e muscular, que teria estafado um homem branco em menos de cinco minutos (RIBEIRO, 1896, p. 156-157).

Na passagem a seguir, em que Manuel Barbosa retorna da viagem a Santos, ansioso para reencontrar Lenita, vê-se, por fim, outro exemplo:

A crioulada reuniu-se em um magote, e, alçando as mãos e tripudiando, começou de gritar em uma melopeia cadente, rítmica, afinada:

— Aí vem nhonhô! Nhonhô aí vem!

— Cala o bico, canalhada! gritou Barbosa, cruzando nos lábios o índice da mão direita.

A crioulada, afeita a obedecer, emudeceu (RIBEIRO, 1896, p. 394-395).

Representar o negro como indivíduo apto a atividades corporais, *impossíveis* ao branco, ou afeito à obediência, era uma prática recorrente desde o período colonial, servindo, aliás, para escamotear as causas da escravidão africana nas Américas: como a economia era assentada na monocultura, e ante a inviabilidade econômica da escravidão indígena, essas representações escamoteavam o fato de a mão de obra escrava africana nas colônias ser mais barata e, portanto, mais lucrativa. Subsistindo no tempo, ambas as representações acompanharam a transformação do conceito de raça e foram rerepresentadas nas teses do darwinismo social: o negro tinha seu intelecto inferior compensado por força e resistência física; e a ideia de arbítrio do indivíduo era uma ilusão, pois o estado da raça determinava

escravidão. Em outras palavras, ao negro se postergaria o acesso formal à justiça, porquanto, na ordem social, comutava-se unicamente uma relação vertical entre senhores e escravos por uma relação desigual entre brancos e negros.

⁸ Mesmo com a igualdade racial enunciada na Constituição de 1891, o negro ainda permaneceria à margem da lei por efeito das teorias raciais, sobretudo por efeito das hierarquias raciais defendidas pelo darwinismo social, como forma de manutenção das hierarquias sociais estruturadas na

seu comportamento, conformando-se enquanto uma doutrina de psicologia coletiva (SCHWARCZ, 1993).⁹

As representações se enunciam em termos de poder e de dominação, compreendendo os interesses daqueles que as (re)produzem. No caso dos darwinistas sociais, o que interessava era preservar as hierarquias sociais estruturadas durante a escravidão, mesmo que, porventura, Júlio Ribeiro seja indiferente a isso n' *A carne*. Na segunda metade do século XIX, predominavam entre os intelectuais brasileiros as teses do darwinismo social, e não desinteressadamente. Os projetos abolicionistas eram acompanhados de novas formas de dominação fundamentadas no conceito biológico de raça, porque uma sociedade sem escravizados poderia dar a entender aos negros forros e nascidos livres (assim como aos demais marginalizados) a ideia de uma sociedade com oportunidades iguais. Sendo que, muito longe disso, a ideia era fazer com que negros e brancos permanecessem diferentes e, acima de tudo, desiguais.¹⁰

Considerações finais

Este trabalho resulta de uma pesquisa ainda em curso (acerca do racismo no Naturalismo literário brasileiro); em vista disso, apresentam-se aqui duas hipóteses a respeito dos porquês de Júlio Ribeiro aderir à vertente poligenista da teoria darwinista e incorrer, conseqüentemente, em práticas racistas ao representar seus personagens negros n' *A carne*.

Uma sociedade que se reconhece em raças — biológicas ou sociais — é invariavelmente racista, na medida em que

os indivíduos, sobretudo aqueles reputados superiores, acreditam que os fenótipos determinam características comportamentais, intelectuais e morais; raça e racismo, portanto, *andam de mãos dadas* (CASHMORE et al., 2000). Admitir, porém, somente isso é se contentar com o aparente, considerando-se que *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, convém, por exemplo, na mesma vertente teórica, a uma crítica à formação multirracial do Brasil.

Desse modo, dentre os porquês, é admissível, embora um tanto incerto, que Júlio Ribeiro tenha se colocado de acordo com os interesses dos darwinistas sociais e encontrado na literatura um meio de preservar e naturalizar as hierarquias sociais estruturadas durante a escravidão; por ser, decerto, racista. Até porque, para muitos abolicionistas, o que estava em debate era o fim da ordem escravocrata; a ordem social deveria permanecer assim como era, pouco interessando o porvir dos negros no pós-abolição. Contudo, em contrapartida, é admissível também que Júlio Ribeiro, como cientificista, tenha só reiterado aquilo que se determinava enquanto uma verdade. Mas, sem imputar a isso uma ideia de *inconsciente*, que condiciona coletiva e involuntariamente as ações dos indivíduos, pois Júlio Ribeiro era ciente de seu racismo, e das causas. Em princípio, ele apenas desconsiderava os efeitos, porquanto, antes da década de 1890, poucos ousaram fazer face às teses do darwinismo social (SKIDMORE, 1976).

Consideradas as hipóteses, é oportuno se observar, em adendo, que a raça é, ainda hoje, um elemento nativamente

⁹ A representação não apenas *representa* como *reapresenta* algo ou alguma coisa, conforme as demandas do tempo e do lugar em que é (re)produzida (CHARTIER, 2011).

¹⁰ Para Nina Rodrigues, por exemplo, os negros não deveriam ser julgados pelo mesmo código

penal que os brancos, porque: “simplesmente eles pertencem a uma outra fase do desenvolvimento intelectual e moral. [...] não puderam chegar a uma mentalidade muito adiantada” (1894, p. 120).

importante à vida social brasileira, e que as desigualdades sociais por *cor* ou por *raça* dimanam tanto da lógica escravocrata como da ordem social instituída, no século XIX, com as teses poligenistas das teorias raciais. Enquanto discurso, a *raça* pode ser apreendida e re(a)presentada através de *novas* práticas, todavia, evocando, em seu cerne, significados racistas que outrora a conformaram. Assim sendo, mesmo que preconize uma ideia de diversidade humana, ou mesmo de uma suposta homogeneidade (como no *mito* do paraíso racial brasileiro), ela ainda convém à manutenção de uma ordem social desigual, porque serve comumente para enaltecer a existência de tipos puros e superiores, e para escamotear as relações de poder e de dominação, reais ou simbólicas, nas quais se reproduzem as desigualdades raciais.

Em vista disso, o estudo da literatura se faz pertinente, pois as representações que nela se inscrevem, concomitantemente como práticas e como matrizes a essas práticas, compreendem os mecanismos pelos quais determinado grupo se impõe, ou tenta impor, a sua concepção de mundo, os seus interesses e o seu domínio (CHARTIER, 1990); e nesse sentido ela se apresenta como uma fonte fecunda para se analisar como as representações raciais são, ao longo do tempo, pensadas, construídas e dadas a ler.¹¹

Referências

- AZEVEDO, C. M. M. de. **Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites. Século XIX.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.
- CASHMORE, E. et al. **Dicionário de relações étnicas e raciais.** São Paulo: Summus, 2000.
- CASTRO, F. L. **História do Direito Geral e do Brasil.** 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora Lumem Juris, 2007.
- CHARTIER, R. **A História Cultural entre práticas e representações.** Lisboa: Difel, 1990.
- _____. Defesa e ilustração da noção de representação. **Fronteiras.** Dourados, MS, v. 13, nº 24, p. 15-29, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/1598/955>. Acesso em: 28 out. 2020.
- DEL PRIORE, M. **Conversas e histórias de mulheres.** São Paulo: Planeta, 2013.
- MURARI, L. **Natureza e cultura no Brasil.** São Paulo: Alameda, 2009.
- RIBEIRO, J. **A carne.** 2ª ed. São Paulo: Livraria Teixeira Editora, 1896.
- RODRIGUES, N. **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1894.
- _____. **O animismo fetichista dos negros baianos.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935a.
- _____. **Os africanos no Brasil.** 2ª ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1935b.
- SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil.** São Paulo: Cia. das Letras, 1993.
- SKIDMORE, T. E. **Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

Recebido em 2020-07-13
Publicado em 2021-05-01

¹¹ É conveniente se notar que a representação tem força própria, seja interiorizada ou objetivada, e busca convencer que o mundo, a sociedade, os

indivíduos etc. são o que ela diz que são (CHARTIER, 2011).